BRASIL

Agora, o horizonte, o valle, essa corrida
De azullados araxás de côr celeste,
Onde nos rincões estala a vagem agreste
E a imagem da patria é tão sentida.

Bem perto o Tocantins no longo Oeste
Sob a plaga sideral desconhecida
E o soberbo Amazonas — avenida—
Que tu ó bandeirante, então, nos deste

Isto só?—Inda não!—A Chanaan
Será este Brasil formoso e bronzeado
—Caboclo colossal—de espaduas grandes . . .

Sineiro do porvir com a terra irmã,
Quando—labaro da paz—no chão sagrado
Ariverde pendão se entrelaçar dos Andes.

ITABIRAÇABA

(Ao Dr. Orozimbo Loureiro)

Aquelle monte de pedra
Que, alerta, nunca desmaia,
Aquella augusta atalaia
Por cima da serrania,
E' a fortaleza elevada
Da minha patria adorada,
A retaguarda avançada
Que os horizontes espia.

Sob a couraça macissa
De ferro, de maganez,
Nessa marmorea altivez
De surtos de independencia,
O coração do penedo
Tem um porvir em segredo
A revellar breve, cedo,
Daquella inculta eminencia

E' crença dos meus desvellos.
Que elle ensinou-me em criança:
Rochas... rochas...—esperança—
Taboas da lei=cada lagem.
E eu cresci nessas sendas
Com o leite das sacras tendas,
Vi do meu povo as legendas,
Feituras da mesma imagem.

E nova vida eu senti
Ao revolver do passado.
Da minha terra sagrado
E sancto tudo que é meu.
Das maravilhas alheias
Não quero outras cadeias,
São minhas essas ameias
Que aquelle monte me deu.

Amo a poeira revolta,
Dourada pelo poente,
O tibio raio inda quente
Pelas verduras exues;